

# Minha Semana Santa



» JOSÉ SARNEY  
Ex-presidente da República,  
escritor e imortal da Academia  
Brasileira de Letras

Mais de uma vez Marly e eu, com o casal Emília e Álvaro Pacheco — meu saudoso amigo —, pegamos o táxi do inesquecível seu Pedro, uma Mercedes preta, e, durante a Semana Santa, fomos pelo interior de Portugal até Santiago de Compostela, aonde sempre chegávamos na quinta-feira à noite e nos hospedávamos no Hostal dos Reis Católicos, ao lado da Catedral, com sua praça cheia de peregrinos, chegando de todos os lugares do mundo para assistir às solenidades litúrgicas, desde as procissões dos encapuçados até as bênçãos do óleo e da vela, na Matriz de 900 anos, que fica, durante todo o ano, com sua chama acesa, com o cheiro de incenso do Botafumeiro invadindo e perfumando toda a igreja, mas sem a missão do passado: eliminar o odor dos corpos sem higiene que assistiam a missas e sermões na Idade Média. Lembro também da Sexta-Feira da minha infância. Recordo esses espaços de tempo da vida sempre agradecendo as bênçãos que Ele me deu. A infância é o tempo da estreita amizade com Deus. Quando ainda não chegaram as preocupações e dúvidas que nos darão o saibo da amargura,

que fica sempre com uma parte dos nossos anos.

Deus era a sombra que eu sabia ter me dado a vida e que me assegurava a eternidade, que naqueles tempos não era o céu prometido, mas o paraíso que Ele me dera para viver na Terra: a casa do meu avô, o engenho, os campos verdes, os sons dos sinos tocando nas alegrias, até que com os anos a vida passasse a ter o cheiro azedo da garapa.

Nesse tempo, meu Jesus Cristinho morava na cidade de São Bento, onde despertei para a vida. Ele estava na igreja entre as colunas pintadas imitando mármore. Nos tempos da Paixão, eu chorava com a revelação de que homens maus o tinham crucificado, pregado na cruz, trespassado por lança e que Judas o traía.

O tempo da quaresma era a oração e o silêncio em que os nossos jogos e sorrisos não podiam ser exuberantes porque Jesus iria morrer. A procissão do encontro, o Bom Jesus da Cana Verde, o lava-pés, o canto da Verônica e as estações da Paixão. E nos preparávamos para malhar o Judas no Sábado de Aleluia.

Tudo tinha um sentido misterioso, em que a razão não entrava, só a emoção. A igreja governava as nossas referências, os domingos, as ladainhas, o rosário, as nossas súplicas e conversas com Deus. Minha mãe nos ensinava tudo sobre o segredo da vida, do céu e da Terra, a Paixão de Jesus.

Depois veio a mocidade, a adolescência e o domínio da batalha de vida. Nesse tempo, não existe mais a abstração, é o momento contínuo de conquistar a base, a realidade dos espaços de nossa preparação para a vida. A Paixão fica

reduzida na nossa esperança da ressurreição, como disse o poeta francês Pierre Emmanuel: “Este imenso vazio entre a morte de Deus e a esperança de vê-lo ressuscitado.”

Dois mil e vinte e seis anos depois o Cristianismo não conseguiu transformar o homem, que vive ainda prisioneiro da violência, do pecado, como síntese de todas as escravidades do corpo e da alma.

O autor mais lido da humanidade é Cristo. Um homem que, paradoxalmente, não escreveu nada, ao que se sabe, apenas algumas palavras na areia. Contudo, a força de sua doutrina desencadeou uma revolução na história do mundo pela palavra. Ele revelou, num tempo de escravos e senhores, de uma sociedade perdida pela divisão de castas, condições e submissões, uma verdade simples: a de que todos somos irmãos, todos iguais, todos filhos de Deus e todos destinados à salvação. Ele nos ensinou a buscar a paz interior. Não a ausência da guerra, mas a presença da paz dentro de nós mesmos, sem nada a cobrar, sem ressentimentos, sem a desgraça correndo o corpo e a alma pela escravidão da maldade.

Cristo nos ensinou a perdoar e nos assegurou o caminho da salvação. Encontrar a felicidade na certeza de que o homem tem um destino transcendental. “O fim sem fim do começo de tudo”, como afirmava o padre Vieira.

E hoje, no momento da velhice, é Ele que estará ao meu lado no meu encontro, com Deus me indagando: “José, onde estão tuas mãos que eu enchi de estrelas?” E eu Lhe responderei: “Estão aqui neste balde de juçaras, sofrimentos e gratidão”.

# Planeta água



» TOINHO CASTRO  
Poeta e multiartista

Eu já vinha pensando em Guilherme Arantes quando me chegou a proposta para escrever esta crônica; meio que andava pelas ruas cantarolando mentalmente algumas de suas canções, que marcaram época e corações. Arantes é um hitmaker, e produziu melodias que grudaram no gosto popular e até hoje ecoam nas rádios e festas. No entanto... Neste ano de 2026, em que o artista completa 50 anos de carreira, fala-se nele, ou comenta-se sua obra, muito menos do que se deveria. Muito menos que o merecido. Há que se corrigir esse vazio; até porque, Guilherme Arantes segue ativo e criativo, com seu piano, lançando discos, fazendo show e superpresente nas redes sociais. Gosto de acompanhá-lo, ouvir e ler seus comentários sobre música, arte e o estado das coisas.

Neste 2026, em setembro, faz também aniversário redondo, 45 anos, a etapa final da edição de 1981 do festival de música MPB-Shell, que mobilizou artistas e público país adentro, nas suas três eletrizantes edições, de 80 a 82. Mas foi na de 81 que Guilherme Arantes defendeu sua música *Planeta água*, uma canção que, etapa após etapa do festival, cativou o país num crescendo afetivo. Abordando, já naquela época, um tema central das causas ecológicas e de preservação, num país em que as águas têm um papel definidor do modo de vida das populações, Arantes capturou o imaginário brasileiro, de maneira poética e profunda. Mas toda essa conexão nacional não levou *Planeta água* à vitória, ficando em segundo lugar na classificação. O Maracanãzinho lotado não perdoou o resultado e recebeu o primeiro lugar, a bela *Purpurina*, interpretada por Lucinha Lins, com uma vaia monumental, de 10 minutos, num triste episódio que merece outro papo.

Se o resultado foi justo ou não, deixo de lado essa discussão. Importa que *Planeta água* fez história com pioneirismo nas discussões sobre ecologia, com poesia e espírito pop. Para mim, é uma das grandes canções brasileiras, ponto. Na época, eu tinha 15 pra 16 anos, e lembro que meus amigos, que curtiam, como eu, rock'n'roll, torciam o nariz para a música, que seria, pejorativamente, muito pop, muito comercial e grandiloquente! Cafona mesmo. Eu nunca achei nada disso. O que eu via era uma grande beleza brasileira, que ainda hoje se confirma. Recentemente, caminhando de volta para casa e escutando a música no fone de ouvido, fiquei imensamente comovido; junto à calçada me acompanhava um riacho cristalino, ali no asfalto, fruto de alguma tubulação rompida. E meio veio o forte sentimento de presença da água entre nós. Dentro de nós. Água que nasce na fonte serena do mundo, canta Arantes.

Escrevi este texto, não por coincidência, mas pelo vertiginoso entrelaçamento de fatos randômicos, no Dia Mundial da Água, 22 de março. Guilherme Arantes foi quem melhor falou, dentro do seu território, sobre o tema. Corra para seu streaming, para o YouTube, e coloque *Planeta água* para tocar. Diz que a ideia da canção lhe veio de uma visita que fez às Cataratas do Iguaçu, e do impacto que isso lhe causou. A delicada melodia ao piano, costurada por uma letra tão bem construída, tão precisa na urgência de falar sobre aqui, e tão comovente mesmo, que no refrão final explode como as águas do Iguaçu. E é, então, impossível não pensar nesse país de litoral imenso, varido pelo Atlântico Sul; nos gigantes Amazonas, Solimões e Rio Negro, no Tocantins, Madeira, Paraná, São Francisco, o Capibaribe, o Potengi, o novo do Igarapés e tantos veios de água que nos cercam, encantam e alimentam. E pensar no frágil equilíbrio dessas criaturas. E pensar no Rio Doce morto, vivo ainda nas vozes de Beto Guedes e Joyce, na canção *Rio Doce*, de 1981! O Rio? É doce. A Vale? Amarga, escreveu Drummond no poema *Lira Itibirana*.

Crescemos todos marcados pelo signo profundo da água; pelo que ela escreve em nós, pelo que ela nos dita no dia a dia de chuvas, enchentes, secas. Viver é ter a água como companheira. É abrir e ter água para beber, para viver essa alegria que é lavar as mãos. É saber que a lua cheia move as marés e mexe com nosso corpo de água. Tem uma passagem do livro *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, também de 1981, que fala da morte dos rios, com a Casa dos Vidros de Água, onde jazem, em vidros expostos, a água que restou dos rios do país.

*Planeta água*, mais que denúncia, é uma evocação, um chamado à consciência a partir da apreciação da beleza, arquetetada numa dimensão que coloca Arantes no panteão do grande cancionista nacional. *Planeta água* nos convida a voltar e perceber o mundo que resiste sob tudo que construímos como civilização. Sim, um alerta. Mas também um acalanto.

Maurenilson Freire/CB/DA Press



## O poder dos sindicatos na redução de jornada



» JOSÉ PASTORE  
Professor de relações  
do trabalho da FEA-USP

» MAGNUS R. APOSTÓLICO  
Negociador trabalhista

Na maioria dos países (cerca de 190), a redução de jornada de trabalho vem sendo conquistada usando o método da negociação coletiva realizada entre os representantes sindicais ou associativos de empregados e empregadores. Assim tem sido no Brasil, o que explica a atual média de 38,4 horas por semana.

A negociação coletiva é a principal atividade das entidades sindicais. Por meio dela, são conquistados avanços no emprego e no salário, além de melhorias nas condições gerais de trabalho. Isso tem propiciado mudanças importantes no estilo e no modo de atuar dos sindicatos laborais nos anos recentes. No Brasil de 10 anos atrás, era impensável ver os sindicatos laborais colaborando para o atingimento de metas de produção, vendas e produtividade das empresas e para o aperfeiçoamento de sistemas de mérito para avaliar empregados, e também colaborando na preservação da boa imagem das firmas onde trabalham.

É verdade que essa não é uma tendência geral, mas já é dominante nos sindicatos mais organizados das categorias dos bancários, petroleiros, metalúrgicos, mineiros, vigilantes, industriários,

comerciais de grandes estabelecimentos, construção civil, indústria automobilística, tecnologia da informação, frigoríficos e outras.

Com isso, ficamos muito longe daquele sombrio período em que, por meio da Operação Vaca Brava (1985), os sindicalistas quebravam no pátio das empresas os veículos que tinham acabado de produzir para pressionar as empresas. Esse é um avanço de enorme importância para o amadurecimento das relações do trabalho no Brasil. Mas não significa que os sindicatos viraram “bonzinhos” ou “pelegos”. Nada disso. As negociações continuam sendo duras e acirradas. Mas com respeito e sem teatro. É um avanço enorme.

Como resultado dessa nova conduta, os sindicatos laborais vêm conquistando novos filiados e aumentando a arrecadação da contribuição negocial ou assistencial. Surgiu até mesmo uma nova forma de arrecadação: a que incide sobre os ganhos conquistados na participação dos empregados no lucro e resultados das empresas (PLR).

O valor da contribuição negocial ou assistencial varia de 1,5% a 3% da remuneração de um mês e do valor da PLR, às vezes com teto em reais, outras vezes sem teto (mais raro). Como o valor da PLR tem crescido, por estar isento de tributação e encargos, a contribuição aos sindicatos vem acompanhando essa evolução.

Até 2017, um grande número de sindicatos laborais só existia para arrecadar a contribuição sindical compulsória (“imposto sindical”), sem qualquer contraprestação de serviços aos integrantes das categorias profissionais. Após a reforma trabalhista, ficou claro que não fazer nada para os seus representados, condenaria os sindicatos à míngua. E isso ocorre com muitos.

Bem diferente é a situação dos que trabalham efetivamente em prol dos seus representados. Esses

sindicatos estão em comunicação permanente com os seus representados por meio de contatos diretos e das redes sociais. As assembleias têm sido online com enorme participação de empregados. E, com isso, estão conquistando a confiança e recebendo contribuições dos representados. Para esses sindicatos, não há o que falar em falta de recursos para fazer as negociações coletivas e até sustentar greves, quando necessário.

Para eles, é crucial defender a negociação coletiva para ganhos salariais e outros benefícios e também para a redução da jornada de trabalho. E isso vem ocorrendo. Os sindicatos laborais têm negociado com êxito jornadas semanais de 44, 42, 40, 38, 36 e 30 horas. A jornada de 40 horas por semana, com uma escala de 5x2, tem sido muito comum nos serviços administrativos e nas empresas de produção não contínua. Essas reduções atendem às necessidades das empresas e aos anseios dos empregados, e contam com o amparo das leis e da Constituição Federal, o que prova a desnecessidade de mudanças nesse campo.

O exercício da negociação coletiva é vital para o fortalecimento e a influência dos sindicatos laborais. Na verdade, é a sua principal razão de existir. Não é surpresa, portanto, o apoio frio dos bons sindicatos e das próprias centrais sindicais no debate das PECs que buscam reduzir a jornada e estabelecer escalas por lei. Isso conspira contra a negociação coletiva e enfraquece a musculatura e a própria razão de existir dos sindicatos laborais.

Se os próprios interessados estão distantes desse debate, a quem interessa acalentá-lo? A resposta é óbvia: aos políticos populistas que usam essa bandeira para conquistar os votos para a sua eleição ou reeleição em outubro próximo. É lamentável que eles ignorem esses fatos.